

JUVENTUDE: MONO/TONIAS E TRANSGRESSÕES

Monique de Oliveira Silva

*O que fomos não será
Definido por palavras fáceis
Que alguém dirá
Não estará nos calendários, dicionários
Nem nas buscas do google [...].
Fomos – Música de Jay Vaquer.*



As demandas do século XXI quanto à dinâmica da cultura, o desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação redundam em novas experiências nas relações do “Homem com o Homem” e com o mundo, sobretudo, na mudança de ordens que se estabeleceram junto com a modernidade tardia, mudanças que trazem desconforto quando abaladas as estruturas do pensamento que fundamentou a “civilização” tão qual é conhecida. Em nenhum outro momento do mundo contado se viu tamanha quantidade de informações e interatividades; “pobre” da juventude do “futuro” – Precisar ela entender a modernidade? (=). Essas mudanças, de alguma forma, influenciam o “ser jovem” na atualidade. Se isso é algo bom ou não, de certo não é possível dizer, mas apesar de reafirmados tantos clichês, em contrapartida, os estereótipos

são cada vez mais abandonados parecendo não dependerem de opiniões absolutas (=)).

À juventude, comumente é projetado o papel de “futuro do país” e isso de certa forma, reflete certa angústia da sociedade e da escola, principalmente se levada em conta, essa expectativa de futuridade quando associada aos comportamentos “transgressores” e as discontinuidades com os padrões e conformidades sociais. Em consonância com esse receio, que prescreve atitudes de contenção e intervenção para com a juventude é que os sentimentos da sociedade e em parte da escola, com muita má vontade estabelecem relações de diálogo e intercâmbio com ela. Por outro lado, a linguagem da cultura digital e as mídias ganham cada vez mais espaço no cotidiano dos jovens de modo a mobilizarem diferentes formas de comunicação, (re)invenções e trocas. Jesus Martin-Barbero em seu artigo “Novos Regimes de Visualidade e Descentramentos Culturais” (1998: 84) diz:

Frente a distância com que grande parte dos adultos sentem e resistem a essa nova cultura – que desvaloriza e torna obsoletos muito de seus saberes e habilidades – os jovens respondem com uma intimidade feita não só da facilidade para relacionar-se com as tecnologias audiovisuais e informáticas, mas da cumplicidade cognitiva e expressiva: é nos relatos e imagens, nas suas sonoridades, fragmentações e velocidades que encontram seu ritmo, seu idioma.



É corrente, no imaginário social, como categoria, visões prescritivas sobre a juventude onde esta aparentemente encontra-se alheia àquilo que corresponderia a um projeto de futuro responsável pela melhoria na qualidade e desenvolvimento sociedade. A ela estão associadas todas as faltas

possíveis: falta de comprometimento, de seriedade, falta de respeito, falta de expectativas, etc. No entanto, é crucial problematizar, a plasticidade das novas gerações para o agir no mundo frente às exigências e dilemas da contemporaneidade, principalmente no que diz respeito as novas experiências culturais de interação, mobilização e integração social. Em meio a tantas “faltas”, sobram características que contrastam com as monotonias e conformações do mundo, abrindo espaço aos *neos* que tentam dar fôlego à história.

As fotografias que apresentei foram feitas durante a minha participação na pesquisa *Raça, gênero e pertencimentos vistos com o cinema – Uma pesquisa para os jovens/com os jovens*, dirigida pelo Prof. Dr. Aristóteles Berino (PPGEduc/UFRRJ).

.

√ Monique de Oliveira Silva: Aluna de graduação do curso de Pedagogia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ/Nova Iguaçu). Participante do GRPESQ Estudos Culturais em Educação e Arte. Bolsista PIBIC CNPq/UFRRJ

Referências bibliográficas (ou textuais):

- MARTIN-BARBERO, J. Novos regimes de visualidade e descentramentos culturais. In: FILÉ, V. (Org). Bataques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: DP & A , 2000. p. 82-112.